

Fazendo escola com imagens

Joyce da Silva Costa Gonçalves

"Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação"

Paulo Freire

Saber mediar é o melhor caminho



A escola tem lidado com a pluralidade de culturas e de identidades existentes e está sendo chamada a reconhecer e a valorizar as diferenças que são hoje o maior desafio a ser enfrentado. Logo, a educação deve ter como pressuposto, não apenas uma reprodução dos saberes e da(s) cultura(s), mas também uma produção de novos saberes e de novas expressões culturais. A presença de alunos com deficiência no cotidiano escolar é um dos exemplos desta diversidade e um desafio que nos faz repensar todo o nosso fazer pedagógico.

Partindo deste pensamento e inspirada na epígrafe de Paulo Freire, trago uma história de sucesso planejada e mediada com estratégias

adequadas para que a inclusão de um aluno acontecesse de fato. G. é um aluno autista matriculado numa turma de 1ª ano de uma escola municipal de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro. Logo após o início do ano letivo de 2018, durante a primeira semana, G. ainda permanecia no pátio e a professora da Sala de Recursos tentou levá-lo para turma, mas foi inútil o seu esforço. Ele estava se ambientando no novo espaço. Na semana seguinte, a mesma professora conseguiu que ele passasse a frequentar sua sala sem nenhuma resistência. Depois de quinze dias, aproximadamente, levou, aos poucos, os seus colegas de turma até a Sala de Recursos, de comum acordo com as demais professoras regentes e do apoio educacional especializado. Com isso, puderam observar que ele se identificou com alguns colegas do grupo, principalmente com três deles. Houve mais duas tentativas de levá-lo à sala de aula, mas ele ainda apresentava resistência. Neste meio tempo, aconteceu um passeio da escola onde ele pode estar com todos os colegas em um espaço diferente. G. se aproximou mais ainda dos três colegas. As professoras se sentiram estimuladas e decidiram tentar mais uma vez a sua ida para sala de aula. Já se sabia, então, quais crianças e quais brinquedos não poderiam faltar nesta outra tentativa. Acordado com a mãe, que também faria parte deste movimento, as professoras montaram todo um aparato na sala de aula. Tudo combinado com os colegas de turma: seguir a aula normalmente como se G. já fizesse parte do dia a dia da turma. Os três colegas seriam chamados a participar da atividade a qualquer momento e a mãe entraria com ele e depois sairia sutilmente quando fosse solicitada. E assim, as professoras de apoio educacional especializado, a professora de Sala de Recursos e a mãe se dirigiram para a sala e entraram, mas G. ficou no corredor e não entrou de primeira. As três crianças foram chamadas e se organizaram em roda, usando os brinquedos preferidos dele e aos poucos o G. não resistiu e entrou em sala. Brincou, foi ao recreio e retornou à sala de aula onde permanece frequentando. G. não aceita

ainda usar a blusa do uniforme, situação com nenhuma importância para a escola.

Essas histórias me fazem seguir em frente a cada dia de cabeça erguida na esperança que podemos, ainda que desacreditados, desrespeitados e humilhados algumas vezes, fazer a diferença de forma positiva na vida de um aluno.

Quando professoras, como as citadas acima, conseguem encontrar um canal de conexão com seu aluno e utilizam a mediação adequada, a aprendizagem acontece de fato. Em consonância, “a teoria da aprendizagem mediada de Feuerstein, traz a ideia de que todas as pessoas são modificáveis independente das suas condições físicas, mentais e sociais” (FRANCK et al., 2015).

As professoras envolvidas são realmente profissionais que acreditam na inclusão de alunos com deficiência no ambiente escolar. Elas se comprometem e, diante das dificuldades e possibilidades que lhes são apresentadas, fazem acontecer.

Referência

FRANCK, Adriana et al. Mediação da Aprendizagem. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 11, 2015. Curitiba. *Anais...* Curitiba: Champagnat, 2015. p. 24080-24093

Sobre o Autor: Bióloga; professora atuante na Assessoria da Educação Especial de Niterói/RJ. Mestranda em Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ / Faculdade de Formação de Professores – FFP.